

Tempo, tempo, tempo: reflexões sobre o tempo histórico e o ensino de história

Time, time, time: reflections on the historical time and history teaching

Luiza Rafaela Bezerra Sarraff.

Resumo

Como citar esse artigo. Sarraff LRB. Tempo, tempo, tempo: reflexões sobre o tempo histórico e o ensino de história. Revista Mosaico. 2015 Jul./Dez.; 06 (2): 05-09.

O tempo e sua passagem pela vida humana sempre foram objetos de reflexão dos seres humanos. Ao historiadores, o tempo é um elemento central, afinal, a “História é a ciência dos homens no tempo”, como disse Marc Bloch. Neste sentido, o presente artigo visa fazer um breve balanço bibliográfico sobre a questão do tempo histórico, focando na teoria de Reinhart Koselleck e Jörn Rüsen. Ao fim, tentaremos aproximar a reflexão destes autores a área de ensino de História.

Palavras-Chave: Tempo histórico. Teoria da História. Ensino de História.

Abstract

The time and its passage through the human life have always been objects of reflection of human beings. The historians, time is a key element, after all, “History is the science of men in time,” as Marc Bloch. In this sense, this article aims to give a brief bibliographical balance on the issue of historical time, focusing on the theory of Reinhart Koselleck and Jörn Rüsen. At the end, we try to approximate the reflection of these authors to the area of teaching of history.

Keywords: Historical time. History theory. Teaching of history.

Tempo, tempo, tempo: reflexões sobre o tempo histórico e o ensino de história

Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo

Caetano Veloso

A literatura e arte sempre foram responsáveis por tratar dos temas que são caros a vida humana. Amor, morte, felicidade, tristeza, o tempo e tantos outros assuntos que fazem parte da vida cotidiana já foram tratados das formas mais diversas possíveis e em todas as épocas da humanidade.

Sem sombra de dúvidas, um tema visceral a reflexão artística e filosófica há milênios é o tempo. Analisemos, de forma breve, o poema “Vida/tempo” de Viviane Mosé e o quadro de Goya “Saturno devorando seu filho”.

Vida/tempo

Quem tem olhos pra ver o tempo?
Soprando sulcos na pele soprando sulcos na pele
Soprando sulcos?

O tempo andou riscando meu rosto

Com uma navalha fina.
Sem raiva nem rancor
O tempo riscou meu rosto com calma.

Eu parei de lutar contra o tempo. Ando exercendo instante.
Acho que ganhei presença.

Acho que a vida anda passando a mão em mim. Acho que a vida anda passando.
Acho que a vida anda. Em mim a vida anda. Acho que há vida em mim. A vida em mim anda passando. Acho que a vida anda passando a mão em mim

Por falar em sexo quem anda me comendo
É o tempo. Na verdade faz tempo, mas eu escondia

Porque ele me pegava à força, e por trás.
Um dia resolvi encará-lo de frente e disse: Tempo, se você tem que me comer
Que seja com o meu consentimento. E me olhando nos olhos. Acho que ganhei o tempo. De lá pra cá ele tem sido bom comigo. Dizem que ando até remoçando
Viviane Mosé.¹

O poema de Viviane Mosé personifica o tempo, porém o trata como uma figura invisível. O tempo faz o que quer com o eu-lírico do texto, o fere fisicamente, penetra sua intimidade, abusa sexualmente dele, tornando-se tão invasivo que é quase impossível

¹ Retirado do site http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/rio_de_janeiro/viviane_mose.html. Visto no dia 03/08/2015



Figura 1. Saturno comendo seu filho
Fonte: Wikipédia

possuir resistência perante a esta “figura”. O trabalho da poetiza demonstra que o tempo é algo que não podemos controlar, e que a melhor postura não é resistir, mas sim aceitar sua imponentia perante aos seres humanos.

Já o quadro de Goya possui uma mensagem bem evidente. Através de uma construção que beira o grotesco e o assustador, a imagem do Deus Chronus comendo seu filho caracteriza o tempo como uma figura imponente, que se sobrepõe a todos. O tempo, representado por Chronus, literalmente, come os seres humanos. É impossível fugir ou resistir a essa força grandiosa, mortal e devastadora.

Acreditamos que os dois trabalhos são muito claros e tratam o tempo como algo que é inato a vida de todos os seres humanos. Não se pode fugir ou ignorá-lo, ele está em todos as partes, em todos nós. Trazer estes trabalhos artísticos a este texto teve o objetivo de demonstrar a importância da questão temporal para os seres humanos, desta forma, temos que levá-la em contas em nossas reflexões pessoais e acadêmicas.

Se para os seres humanos o tempo é uma questão crucial, quem dirá aos historiadores. A máxima “a história é a ciência dos homens no tempo” de Marc Bloch nos serve como uma definição eficaz de História até os dias atuais e destaca a importância da questão temporal

para os que possuem a História como ofício. Não acreditamos que o tempo seja a única característica que compõe a disciplina histórica, porém defendemos que esta é a que mais se destaca. Neste sentido, concordamos com a afirmação de José D’Assunção Barros “A questão é que, no caso da História, a perspectiva do tempo é visceral. Sem ela, os historiadores simplesmente não existem”(BARROS, 2014, p. 241).

Desta forma, entendendo o tempo como uma questão central no trabalho dos historiadores, o presente artigo se propõe a fazer um balanço bibliográfico sobre a questão do tempo histórico e traçar algumas aproximações entre este e o ensino de História.

O artigo está dividido em três partes. A primeira trará para o debate a reflexão de alguns autores sobre a questão do tempo histórico, a segunda tentará traçar paralelos entre o tempo e o ensino e, por fim, a terceira parte terá caráter conclusivo.

Pensar o tempo histórico: Koselleck e Rüsen

Fazer um balanço bibliográfico sobre o tempo histórico sem qualquer sombra de dúvida é uma tarefa árdua. Inúmeros historiadores já se propuseram a refletir sobre tal questão em artigos, monografias, dissertações, teses e livros. José D’Assunção Barros (2014), por exemplo, destaca que desde Heródoto existe um esforço de pensar a relação entre tempo e história.

Apesar de existir uma longa tradição historiográfica em refletir esta relação, no presente artigo nos deteremos na análise teórica de dois autores: Reinhart Koselleck e Jörn Rüsen. A escolha pelo primeiro autor se dá pelo fato dele ser um dos principais autores na contemporaneidade a tratar desta temática. Já Rüsen foi escolhido por refletir sobre o tempo histórico e fazer conexões com a questão do ensino. Nas linhas que seguem, iremos expor o pensamento de Koselleck, depois Rüsen e, por fim, tentaremos encontrar aproximações entre os dois.

Koselleck define tempo histórico como sendo “(...) a forma pela qual, em um determinado tempo presente, a dimensão temporal do passado entra em relação de reciprocidade com a dimensão temporal do futuro” (KOSELLECK, 2012, p.15). Isso significa que o historiador tenta compreender como presente, passado e futuro podem se articular.

Neste sentido, Koselleck trata de duas categorias históricas que nos ajudam a compreender tal articulação: a experiência e a expectativa. A experiência “(...) é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados” (KOSELLECK, 2012, p.309) e a expectativa “(...) é o futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o pode ser previsto. Esperança e medo(...), mas também

a análise racional (...) a constituem” (KOSELLECK, 2012, p.310). Estes dois indicam a condição humana universal; sem elas a história não seria possível, pois não há expectativa sem experiência e vice-versa. Elas são a condição de construção do tempo e da história, desta forma

experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois ela entrelaçam passado e futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político (KOSELLECK, 2012, p.308).

A experiência e a expectativa são fundamentais para explicar a noção de estratos do tempo desenvolvida por Koselleck.

Os estratos do tempo são uma metáfora geológica que caracteriza os tempos históricos como uma série de estratos que se entrelaçam, mas que não são completamente dependentes um dos outros. Estes estratos são caracterizados por estruturas de repetição e singularidade. O exemplo dado por Koselleck é perfeito para desenvolver sua ideia

Consideremos o caso banal do carteiro que chega de manhã e traz a notícia da morte de um parente. Ele nos comunica uma ocorrência singular. Mas o fato de aparecer em determinado horário é um acontecimento recorrente, possibilitado pela administração dos correios, que dispõe de um orçamento anual. O carteiro volta em cada manhã, no mesmo horário, para trazer notícias singulares (Koselleck, 2014, p.21).

Havia por parte do carteiro uma experiência que se repetia diariamente, assim como para a pessoa que recebe a carta. As expectativas dos dois eram pautadas na experiência diária, a princípio, nada de diferente era esperado. Porém a carta que informava da morte de um parente gerou um evento singular que rompeu com a expectativa daquele que recebeu a notícia, criando um novo campo de experiência para esta pessoa. Para o carteiro, nada se alterou.

Neste caso, a novidade e/ou criação de um novo campo de experiência, só foi possível devido a existência de uma estrutura de repetição: a ida diária do carteiro. Este exemplo foi fundamental para demonstrar como

Fenômenos de recorrência podem ser demonstrados como condição da singularidade em todos os âmbitos da vida. Mas encontramos uma dificuldade quando nos perguntamos se e como essas estruturas de repetição se alteram. Na medida em que se mostram mutáveis, até mesmo estruturas de repetição duradouras adquirem um caráter singular. Aqui surge um fenômeno que torna tão interessante a história: não só acontecimentos súbitos e singulares produzem mudanças; as estruturas de maior duração – que possibilitam as mudanças – parecem estáticas, mas também mudam. O proveito de uma teoria dos estratos do tempo consiste em sua capacidade de medir diferentes velocidades, acelerações ou atrasos, tornando visíveis os diferentes modos de mudança, que exibem grande complexidade temporal (KOSELLECK, 2014, p.22).

Ao nos determos de forma mais profunda neste exemplo, trouxemos para o debate dois outros conceitos delineados por Koselleck, o evento e a estrutura. O autor acredita que o evento é uma unidade de sentido que pode ser narrada e que só possui sentido a partir da organização metodológica da cronologia histórica, diferente da cronologia natural. O “sentido” da história só é dado pela *sucessão temporal* de fatos.

Os eventos se diferem das estruturas que são “(...) aquelas circunstâncias que não se organizam segundo a estrita sucessão dos eventos passados. Elas implicam maior duração, maior estabilidade, alterando-se em prazos mais longos” (KOSELLECK, 2012, p.135). Elas ultrapassam o campo da cronologia, são supraindividuais e intersubjetivas, não se reduzem a grupos ou indivíduos, possuem caráter processual.

Sendo assim

as sequências estatísticas temporais nutrem-se de eventos concretos e individuais, dotados de um tempo próprio, mas que só adquirem significação por força de uma perspectiva estrutural de longo prazo. Narração e descrição se ajustam de modo que o evento se torna um pressuposto para proposições estruturais (KOSELLECK, 2012, p.138).

Isso implica na necessidade do historiador de buscar conceitos para compreender melhor os eventos passados e na melhor apreensão das dimensões temporais contidas em um determinado processo histórico. Logo passado e presente podem “dialogar” através de estruturas e eventos na construção de uma cronologia histórica.

Jörn Rüsen é um autor que, assim como Koselleck, possui uma preocupação e uma longa reflexão a respeito do tempo histórico. Suas considerações teóricas versam principalmente sobre o processo de construção/formação do pensamento histórico nos seres humanos.

Para Rüsen a definição de História, assim como do pensamento histórico não é algo óbvio e merece atenção mais detalhada para que se possa compreender de forma mais profunda a ciência histórica.

O historiador destaca que o pensamento é um elemento fundamental a todos os seres humanos e é neste contexto que podemos compreender aquilo que ele caracteriza como sendo *consciência histórica*. Rüsen acredita que a consciência histórica está presente na vida prática dos homens e, portanto, a define como

se entende por consciência histórica a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua prática no tempo (RÜSEN, 2001, p.57).

Claramente sua perspectiva de consciência histórica articula os processos cognitivos humanos a forma de perceber e se relacionar com o tempo. Sendo

assim, o historiador entende que os seres humanos só conseguem se relacionar com o universo em que vivem através da interpretação e da ação deste:

O homem necessita estabelecer um quadro interpretativo do que experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo, ao longo do tempo, a fim de poder agir nesse decurso temporal, ou seja, assenhorear-se dele de forma tal que possa realizar as intenções de seu agir (RÜSEN, 2001, p. 58).

Desta forma, o homem se relaciona de forma dinâmica com o tempo, articulando sua intenção e experiência para constituir uma consciência do tempo (RÜSEN, 2001, p.58) que também é a consciência história. Ambas se constituem através dos processos sociais e biológicos aos quais os homens se encontram submetidos.

A existência da consciência histórica fica evidente através da narrativa histórica. Ela forma e fundamenta todo pensamento e conhecimento histórico. Seu processo de construção nos ajuda a compreender melhor a importância do tempo na teoria russeniana.

Rüsen destaca três fatores que fundamentam o conhecimento histórico durante o processo de construção desta narrativa: a lembrança, a representação das mudanças temporais e a manutenção da segurança perante as mudanças temporais. Estes três itens são responsáveis pela articulação das dimensões temporais (passado, presente e futuro) através da interpretação do passado existente em um questionamento suscitado no presente e, desta forma, ajudam a projetar expectativas para o futuro. Além disso, a narrativa é essencial para que os homens se orientem no mundo e não se percam nas mudanças temporais existentes ao longo de suas vidas. Sendo assim, o historiador afirma

a consciência histórica constitui-se mediante a operação, genérica e elementar da vida prática, do narrar, com a qual os homens orientam seu agir e sofrer no tempo. Mediante a narrativa histórica são formuladas representações da continuidade da evolução temporal dos homens e de seu mundo, intuidoras de identidade, por meio da memória, e inseridas, como determinação de sentido, no quadro de orientação da vida prática humana (RÜSEN, 2001, p. 66-67).

Através dos arcabouços teóricos expostos acima fica evidente a série de conexões entre Koselleck e Rüsen, principalmente, por ambos possuírem uma visão dinâmica do tempo e que não se prende exclusivamente ao passado. Além de compreenderem o tempo e a história como questões inerentes a vida humana que se constroem no diálogo com a sociedade e com os processos biológicos humanos.

Acreditamos que ambos demonstram que o tempo e a história são questões centrais não só para nós historiadores, mas também para aqueles que não possuem esta como seu ofício. Suas concepções que articulam a questão social e subjetiva demonstram como o tempo e

a história estão presentes na vida cotidiana de todos os seres humanos, assim como os artistas demonstraram no início deste artigo.

Além disso, os historiadores oferecem caminhos interessantes para refletir nosso ofício como historiadores, através da perspectiva integrada entre as dimensões temporais, podemos pensar nossos objetos de estudo de forma mais ampla, fazendo conexões com o presente e criando expectativas para o futuro.

Estes arcabouços teóricos nos ajudam a refletir melhor sobre a relação entre tempo histórico e ensino que veremos nas próximas linhas.

Tempo histórico e Ensino de História: Traçando aproximações

Como foi visto anteriormente, o tempo e o tempo histórico são questões que estão intimamente ligadas a vida de todos os seres humanos e por que seria diferente na área de ensino de história?

Pensar a aproximação entre tempo histórico e ensino de história, antes de tudo, significa compreender que as pesquisas relacionadas a questão do ensino são recentes e é de suma importância considerá-las como detentoras de uma epistemologia própria. Porém, levar em conta sua especificidade enquanto disciplina não significa isolá-la do contato e da troca com outros campos de conhecimento.

Neste sentido, é que a aproximação entre tempo histórico e ensino de história se faz bastante frutífera, pois é possível mobilizar saberes da teoria da história para refletir e aprofundar os estudos na área de ensino. Nossas ideias podem ser reafirmadas através do pensamento de Manoel Salgado “pensar em uma teoria da história é parte indissociável da própria pesquisa e da reflexão em torno do ensino da história” (SALGADO, 2009, p. 39).

Também é possível pensar esta aproximação como um *lugar de fronteira* (MONTEIRO, PENNA, 2011), ou seja, mobilizamos e articulamos saberes de áreas distintas para poder problematizar melhor o objeto em estudo. Traçar este paralelo e entendê-lo como um lugar de fronteira também significa perceber que este pode ser um lugar de encontro, mas também de demarcação de diferenças.

Estes referenciais nos ajudam a compreender a importância do trabalho de Jörn Rüsen. Para além de suas reflexões no campo da teoria histórica, como já foi demonstrado anteriormente, o autor também possui trabalhos que versam sobre a questão do ensino e da aprendizagem. O autor mobiliza saberes da história, pedagogia, psicologia e ciências sociais para refletir sobre os processos vinculados a questão da construção do pensamento histórico e dos processos de ensino e aprendizagem sobre este.

Para a questão em discussão neste artigo a questão da aprendizagem da história se destaca no pensamento russeniano. Rösen destaca que a didática da história passou por um longo processo dentro da Alemanha até voltar a ser aceita como um instrumento importante para compreensão do aprendizado histórico na escola. O autor acredita que o objetivo da didática da história é investigar o aprendizado histórico que define como

O aprendizado histórico é uma das dimensões e manifestações da consciência histórica. É o processo fundamental de socialização e individualização humana e forma o núcleo de todas estas operações.(...) a didática da história tem de conceituar consciência histórica como uma estrutura e processo de aprendizado. Aqui é necessário reformular ideias sobre consciência histórica como sendo um fator básico na formação da identidade humana relacionando estes conceitos com o processo educacional, que também é básico para o desenvolvimento humano.(...) O que deve ser lembrado aqui aqui é que o ensino de história afeta o aprendizado de história e este configura a habilidade de se orientar na vida e de formar ma identidade histórica coerente e estável” (RÜSEN, 2011, p.39-40).

Esta definição deixa evidente a articulação feita por Rösen entre diferentes saberes para compreender melhor o processo de aprendizagem histórico. Sua concepção de aprendizado histórico conecta a educação a consciência histórica que, como já vimos anteriormente, é um importante processo social e biológico dos seres humanos. Um processo de orientação humana perante as mudanças temporais.

Sua definição deixa claro a nós, mais uma vez, que o tempo histórico é uma questão de suma importância a vida cotidiana de todos os seres humanos, pois fica evidente como a história e o tempo são definidores da ação e da forma de percepção humana da realidade ao seu redor.

O arcabouço teórico de Rösen adentra as discussões sobre ensino como uma importante ferramenta para pensar quais são as narrativas históricas e, portanto, que consciência histórica os professores, os materiais didáticos e a escola estão produzindo. Além de nos ajudar a compreender melhor o processo cognitivo que envolve a aprendizagem de história.

Concluindo e articulando ideias

Acreditamos que este artigo deixou evidente ao leitor que o tempo histórico não é algo distanciado de sua vida cotidiana e, assim, o caracterizou como um agente história através do conhecimento de arcabouços teóricos que possuem perspectivas integradoras sobre a questão temporal.

É importante levar em conta que a perspectiva de Koselleck e Rösen sobre o tempo nos ajuda a percebê-lo como uma face do social e da subjetividade e humana e, desta forma, nos ajuda a compreender melhor nossa

posição perante o universo a nosso redor. Acreditamos ser este um bom caminho para que não sejamos “abusados” ou “comidos” pelo tempo como os artistas do começo deste artigo nos falamos.

Para além, as ideias dos dois autores nos ajudam a refletir melhor nossa prática, paramos de ter aquele fetiche do passado e podemos pensar de forma mais pragmática nossos objetos de estudo, relacionando-os as questões presentes e as expectativas do futuro.

Koselleck e Rösen são mestres na teoria da história e suas reflexões são de suma importância a todos os historiadores e aproximá-los a área de ensino de história é um caminho importante para que paremos de separar a História do ensino de história e que possamos compreendê-las como saberes independentes, porém articulados.

Referências

GUIMARÃES, Manoel L.S. Escrita da história e ensino da história: tensões e paradoxos. In.: GONTIJO, R.; MAGALHÃES, M.; ROCHA, H. (orgs). A escrita da história escolar: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Editora FGV,2009. pp.35-50.

KOSELLECK, Reinhart. Estratos do tempo: estudos sobre história. Trad. Marcus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio,2014.

_____. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

MONTEIRO, Ana Maria F.; PENNA, Fernando. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. *Educ. Real*, Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 191-211, jan./abr., 2011.

RÜSEN, Jörn. Pragmática- A constituição do pensamento histórico na vida prática. In.: Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001. pp. 53-93.

SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. De R. (orgs). Jörn Rösen e o ensino de História. Curitiba: Ed. UFPR,2011.